

Os Estaus e a Cidade de Tomar

The Estaus and the city of Tomar

Fernando Sanchez Salvador, Arquitecto, Professor no Instituto Politécnico de Tomar

Tatiana Sousa Coelho, Finalista de Mestrado em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar

Abstract

Classificados como imóvel de interesse público, crê-se que os Estaus terão sido construídos na primeira metade do séc. XV. Este trabalho visa obter informações exatas do que foram os Estaus, qual era o seu objetivo enquanto obra urbana, por quem foram mandados construir e qual teria sido a sua morfologia final enquanto obra inacabada. Refere-se ainda o contributo determinante que tiveram para a geometria do centro urbano da cidade de Tomar.

Classified as a building of Public Interest, the Estaus construction dates back to the early 15th century. This study aims to add new and exact data about the origin of the Estaus, what was the purpose of this building, who ordered its construction and what was its appearance as an unfinished work. This paper also refers to how the Estaus were fundamental to the urban geometry of Tomar's city center.

Keywords: Architectonic Heritage, Convent of Christ, Estaus, Constructions of Infant D. Henrique, Urban History.

Introdução

Afirmando-se como um facto urbano na história da cidade de Tomar, crê-se que os Estaus (hospedaria) - classificados desde 1946 como imóvel de interesse público – foram delineados por ordem do Infante D. Henrique no primeiro quartel do século XV. Os vestígios arquitetónicos que chegaram até nós encontram-se esquecidos e absorvidos pela malha urbana da cidade de Tomar. A Figura 1 mostra a que corresponderiam os assentos dos antigos *Estaus* no contexto urbano atual. Quer pelos vestígios das longas arcadas que percorreriam a rua lado a lado (segundo as projeções e medidas já feitas) quer pela beleza e sumptuosidade que teria o conjunto com estas dimensões, ainda hoje não se compreende o seu esquecimento no tempo, visto que sobre eles muito se noticiou, mas pouco se fixou em factos.

Com um desenho idêntico ao dos Claustros da Lavagem e do Cemitério do Convento de Cristo (obras também Henriquinas), os Estaus vislumbram-se num gótico muito menos floreado do que existe nos Claustros do Convento, o que pode coincidir com o facto de estes terem sido projetados como um edifício urbano com usos precisos.

Este estudo tem por objetivo a apresentação do trabalho desenvolvido e a introdução de novos dados, recentemente compilados e organizados, nomeadamente a exposição de novas hipóteses sobre o que poderá ter sido o conjunto dos Estaus em termos arquitetónicos e o que foram os Estaus para a construção de um fragmento da cidade de Tomar no contexto urbanístico da época.

A realização deste trabalho assenta, principalmente, na obtenção, na compilação de dados e na apresentação de hipóteses de reconstrução arquitetónica, com o necessário rigor científico, conseguido pelo estudo da traça e métrica dos vestígios que até nós chegaram (incluindo dimensões parcelares, tipos de pedra utilizados, marcas de cantaria, etc.), da comparação com outras obras Henriquinas de traça semelhante (Claustros da Lavagem e do Cemitério) e da análise dos poucos documentos de veracidade comprovada que foram escritos sobre os Estaus.

Procuramos assim, com base nos testemunhos compilados e pelo método analógico, uma noção do que foi na realidade esta obra urbanística na época, uma vez que apenas uma pequena parte da mesma chegou a ser concluída.

Dados Históricos

Os Estaus passaram despercebidos no tempo, bem como o seu significado, e apesar de ter havido uma época em que a palavra *Estaus* era pronunciada diariamente em Tomar, por ter existido uma rua

com este nome (*Rua de Christus*, atual Rua dos Arcos) (Figueiredo e Silva, 1960), a sua importância perdera-se com o passar dos anos.

O propósito desta obra, que se adivinhava de extrema imponência e grandiosidade, atualmente é desconhecido pela maioria das pessoas e a sua presença invisível a quem lá passa. Sobre o significado da palavra Estaus diz-se, em Portugal, estar associado a uns Estaus que teriam existido em Lisboa, mandados construir pelo Infante D. Pedro durante a regência na menoridade de D. Afonso V, com o intuito de alojar a corte quando esta se deslocava à cidade.

Contudo, a existência destes ditos Estaus Lisboaetas não tem merecido atenção, não só por existir escassa documentação que o corrobore mas também por se desconhecerem quaisquer vestígios dos mesmos. Quanto à origem deste termo, verificou-se que vai buscar a sua origem ao latim – Estáo – mas, por outro lado, poderá derivar do termo francês Stau que significa – Corte no Açougue (Figueiredo e Silva, 1960). Diz-se ainda que a palavra Estãos ou Estaes decorre de Estales, nominativo plural do singular Estal que em francês significa “tenda portátil como a de certos mercadores”. Há ainda quem defenda que a palavra Estáo é derivada de Stabulum. Na língua portuguesa o termo Estaus, “(...) *não era outra cousa senão de Estalagem, hospício, hospedaria, diversario ou Albergaria em que aquartelavão e pousavão viajantes, passageiros e outras quaesquer pessoas*” (Figueiredo e Silva, 1960). Parece então indubitável que a palavra está associada ao conceito de estalagem e hospedaria. Terá então o Infante D. Henrique mandado construir os Estaus para o efeito já referido? Através do único documento até hoje conhecido e com veracidade comprovada sobre o antigo edifício dos Estaus – uma descrição feita pelo cronista Pedro Álvares Seco a 29 de Julho de 1549 (Dinis, 1974) – crê-se que os Estaus Tomarenses terão sido construídos na sequência do Rei D. João I – pai do Infante D. Henrique - permitir ao Infante licença para que na vila se realizasse uma feira. Assim sendo, os Estaus teriam sido criados com o intuito de proporcionar poiso aos feirantes e aos que à feira ocorriam, a outros forasteiros e ainda à criadagem dos Mestres de Cristo e dos seus freires que viviam então pela cidade para evitar as reclamações da população contra os direitos de aposentadoria que se conhecem da época. Outras hipóteses foram consideradas mas nenhuma se comprovou.

De acordo com o cronista o antigo edifício dos Estaus começava na atual Avenida Torres Pinheiro, sendo que o seu comprimento no sentido oeste era de 80 varas, aproximadamente 88 metros, (Figura 2) e teria dezasseis arcos ao longo dessa distância, de cada um dos lados, percorrendo parte da atual rua dos Arcos. A distância que separaria um assento do outro era de quinze varas e meia (cerca de dezassete metros), sendo que essa seria a largura da rua.

As bases dos esteios ou colunas sobre os quais assentavam os arcos estavam colocadas sobre um poial, lajeado a pedra ao longo de todos eles e elevava-se a uma altura de três palmos e meio (cerca de setenta e sete centímetros) do leito da rua. Os arcos teriam cerca de quatro varas de altura (aproximadamente quatro metros e quarenta centímetros) e quatro varas e um quarto de largura (cerca de quatro metros e setenta centímetros). Eram em pedraria lavrada e terminação em ponto, característica dos arcos ogivais. Numa das partes do corpo do edifício, situado a sul, existiam casas cuja serventia era através de portas.

Entre as portas que dariam acesso às casas e o poial em que assentavam os arcos ia uma distância de 5 varas de largura (aproximadamente cinco metros e meio). Nesta distância que ia desde os arcos às portas era o local onde ficariam resguardados os mercadores que se deslocassem à feira e mais tarde, já no séc. XVI, serviu para acoitar forasteiros (Dinis, 1974). Ao que parece a cobertura do edifício (dos poiais às portas das casas) encontrava-se inacabada, apenas edificada, não coberta, sendo que apenas um total de vinte e uma varas de comprimento, aproximadamente 23 metros e 10 centímetros, estava completa (Figura 2). A intenção original seria cobrir toda esta área de sobrado, traves e barrotes fortes, montados a partir da ponta dos arcos.

Do mesmo lado, anteriormente referido, para além do arco coberto existiam mais dois arcos que encerrariam a fachada frontal do edifício. Pensa-se ainda que os pisos superiores seriam aposentos por existirem sinais de corredores e eirados por cima dos arcos. O porquê de um edifício com esta magnitude e sumptuosidade ter desaparecido, percebe-se agora que, ao que parece, esta obra nunca foi terminada, nem ninguém sabe porquê, mas que o Infante deixara traçado como deveria

ser a sua finalização. Apenas se tem a certeza que os edifícios que compunham os Estaus foram começados e mandados fazer pelo Infante Dom Henrique. Nas áreas que se encontravam acabadas estava planeado fazer-se uma cimalha de ameias em onda a rodeá-la. Esta não foi acabada porque, segundo Pedro Álvares Seco, a altura em que ficariam situadas (por cima dos arcos) não era segura e constituía um perigo para as pessoas e casas caso houvesse uma derrocada. Ainda assim, acrescenta, que o edifício mesmo inacabado, era um edifício muito nobre que em muito ornava a vila. Adita ainda que na parte do edifício que estava concluída existiam casas e cabeças de aforamentos, algumas das quais foram aforadas a Fernão Manhoz (Dinis, 1974).

Os antigos Estaus situam-se na freguesia de São João Baptista. Os vestígios que chegam até nós são poucos e sofreram alterações ao longo dos tempos. São essencialmente dois arcos quebrados em ogiva, elevados a grande altura, a norte da rua dos Arcos, três aduelas de arcos ogivais, com vestígios de um pilar e de um pedestal inscritos na fachada de um dos imóveis da Rua Torres Pinheiro e três outras aduelas e arranque de uma quarta também com vestígios de pilares e pedestais, insertos nos prédios da Rua dos Arcos (Figura 3).

São detetáveis outros elementos das cantarias que compunham os arcos, observáveis diretamente nas frontarias dos edifícios que definem a rua. Para além destes trechos exteriores verifica-se ainda em três locais de comércio distintos (dois na Rua dos Arcos e um na Av. Cândido Madureira) dois arcos de volta perfeita no interior desses locais e vestígios de pedras no outro que poderão ter pertencido a esta construção (Pinto, 2004). Julga-se que em 1840 foram demolidos os alpendres ainda existentes onde na altura os ferradores operavam (França, 1994). Até 1913, de acordo com a informação descrita pela União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, ainda existiam na rua dois arcos completos e muito bem conservados no sítio ocupado pelos prédios 16 a 18-B (Figueiredo e Silva, 1960).

Segundo a União também houve a intenção de integrar o restauro dos Estaus nas Comemorações Henriquinas, mas não houve possibilidade de o fazer (Figueiredo e Silva, 1960).

Para o efeito, foi elaborado pelo arquiteto João Pedro de Figueiredo Mota Lima um projeto de reconstituição (Figura 4) que incluía a recomposição dos edifícios das alas norte e sul da Rua dos Arcos e das fachadas de topo do lado da antiga Rua dos Estaus. No estudo de reconstituição é acentuada a importância arquitetónica e urbana para a cidade. Citando Mota Lima *“Existindo na vizinhança a Saboaria, os Celeiros ou Cubos e os Moinhos, conforme atestam os nomes das Ruas, é de crer que esta zona fosse a parte comercial e industrial e por conseguinte a que a maior população teria”*. Da referida proposta salienta-se *“A parte que se pretende reintegrar apresenta-se com todos os elementos em relativo estado de conservação o que permite um fácil estudo”* Podemos sobre isto dizer que este projeto foi elaborado conscienciosamente e pretendia respeitar os elementos antigos presentes, mas citamos *“Há contudo uns elementos que conduzem a fortes dúvidas, tais como um troço de parede que poderia pertencer a uma escada exterior de acesso ao 1º andar. Existem perto desta parede, umas escadas, (...) que podem ser reminiscências da época, pois em toda a cidade só naquele local e naquela fachada é que elas existem. A cobertura também constitui uma forte dúvida pois não é possível que esta fosse de um só tipo. Julgamos apresentar uma solução possível, que seria constituída por troços de dois em dois arcos ou módulos, a qual seria constituída por 4 águas, com caleira comum escoando por gárgulas. A galeria certamente comunicava coma restante parte do r/c por meio de portas. Por enquanto é impossível descobrir como seriam essas portas, mas por elementos que seguir se descrevem é fácil encontrar uma porta tipo no Convento de Cristo. As janelas deviam ser do tipo da única que existe. (...) É natural que as restantes se desenvolvessem identicamente.”* (Mota lima, 1960).

Em termos de alterações estruturais sabe-se ainda que no ano de 1967 se procederam a obras de demolição de dois edifícios da ala norte da Rua dos Arcos (sendo que o primeiro estaria avançado em relação ao que seriam os assentos dos Estaus e o segundo seria o que continha os arcos, que lá estão) para a construção da rotunda ainda hoje existente no local. Foi também nesta altura que se procedeu à remoção da que agora se chama Fonte da Antiga Rua dos Estaus que se encontrava no lado oposto da avenida ao que se encontra hoje.

Importância do Estudo dos Estaus

Através do que chegou até nós e das descrições feitas pelo cronista Pedro Alvares Seco podemos dizer que os Estaus se inserem no período do gótico português. De arquitetura civil privada gótica são considerados os únicos vestígios em Portugal de Estaus medievais. Apresentam-se com arcos ogivais cinzelados, sustentados por pilares simples de pedra emparelhada num pedestal, sendo a sua traça idêntica a outras construções henriquinas, nomeadamente o piso inferior do Claustro da Lavagem do Convento de Cristo. As suas características construtivas levam-nos a supor, que poderá ter sido o Mestre Fernão Gonçalves (1) o seu autor. Para além da traça idêntica, a existência de pelo menos, uma marca de cantaria semelhante à encontrada num dos trechos dos Estaus – a Cruz de Cristo – pode significar que os mesmos canteiros ou os mesmos mestres construtores trabalharam nas duas obras (Figura 5).

Já no estudo de 1960, Mota Lima tinha-se referido e escrito esta constatação. Cita “*Comparando os elementos existentes no local com o Claustro Henriquino da Lavagem no Convento de Cristo nota-se uma semelhança total. Pela comparação das siglas existentes no Claustro e nos ESTAUS somos levados a supor que estamos em presença de obras contemporâneas. É de salientar a sigla com a Cruz de Cristo que apareceu num pilar dos ESTAUS. Estes elementos bastam para supor que foi o Infante D. Henrique quem mandou construir este conjunto, pois o Claustro foi por ele mandado edificar. Se a todos estes dados juntarmos o facto do rei D. Duarte ter falecido nos ESTAUS é de crer que esta bela obra se deve ao génio de D. Henrique e á riqueza da Ordem que por ele tão sabiamente foi administrada*”.

O estudo a que nos temos vindo a referir, enquadrava-se num conjunto mais vasto de dinâmicas culturais na época e em Tomar, de que faziam parte as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, do VIII Centenário da Cidade de Tomar.

A par destas ações entusiásticas e organizadas sensivelmente na mesma altura, pela Comissão de Turismo (de que foram protagonistas, entre outros, o já citado João Pedro da Mota Lima, Fernando Rui Pereira Nunes, José Júlio Bento) que tiveram consequências ainda hoje visíveis na reconfiguração de alguns lugares e equipamentos na cidade, bem como diversas publicações e estudos de autores locais ou radicados na cidade, na tradição de Amorim Rosa, Santos Simões, Garcêz Teixeira, etc.

A relevância da proposta de reinterpretação dos Estaus, enquanto arquitetura de dimensão urbanística, ultrapassa o contexto comemorativo da altura a que nos referimos. São um contributo preliminar para o entendimento da morfologia da cidade histórica de Tomar e da sua raiz de traçado geométrico inovador, afirmando-se como cidade de fundação na tradição portuguesa, antecedendo experiências de maior escala na capital do país, na era post-terramoto da reconstrução pombalina. Os Estaus e a sua construção, inacabada e incompleta, sabemos hoje, perdurou no tempo apenas a matéria e a memória que nos chegou até nós.

Evidencia o carácter generativo urbano que marcou a feição da cidade. Por analogia, podemos observar noutras cidades europeias, a transformação de edifícios ou conjuntos, em partes de cidade com usos diferentes dos iniciais, mas persistindo a sua forma construída na morfologia urbana.

Citando Rossi “*Estes elementos urbanos de natureza preponderante, indicámo-los como elementos primários, visto que participam da evolução da cidade no tempo de modo permanente, identificando-se frequentemente com os factos constituintes da cidade*” (Rossi, 2001); “*...de maneira geral são aqueles elementos capazes de acelerar o processo de urbanização de uma cidade e, relacionando-se com um território mais vasto, são os elementos que caracterizam os processos de transformação espacial do território. Atuam frequentemente como catalizadores*” (Rossi, 2001); “*...Neste sentido um edifício histórico pode ser entendido como um facto urbano, ele resulta desligado da sua função originária, ou apresenta no tempo várias funções, no sentido do uso a que é destinado sem, no entanto, modificar a sua qualidade de facto urbano gerador de uma forma da cidade*” (Rossi, 2001).

Dando como exemplo: em Nîmes o anfiteatro é transformado em fortaleza pelos Visigodos e encerra uma pequena cidade de 2000 habitantes (Rossi, 2001); Em Arles o anfiteatro converte-se em habitação, constituindo um quarteirão de dupla forma elíptica; Em Florença, edifícios construídos

sobre o anfiteatro romano; E em Lucca é a praça do mercado. Se observarmos a área urbana dos Estaus, esta converteu-se em dois quarteirões, identificados pela forma primitiva da sua edificação e implantação. São geradores de um fragmento urbano na malha da cidade.

Podemos simular a reconstituição do que teriam sido os Estaus na conceção inicial do plano do Infante e entender a grandeza, singularidade e monumentalidade de que dá visibilidade a proposta.

Considerações Finais

Como a sede da Ordem dos Templários, Tomar foi a cidade em que o Infante D. Henrique deixou uma das suas maiores obras do séc. XV. E, apesar de nunca terem sido concluídos, testemunham a grandiosidade que tiveram pela forma como foram projetados, bem como pela ampla visão urbanística que revelam. Localizados em pleno centro histórico da cidade de Tomar, o que resta dos Estaus encontra-se junto a uma das que terá sido das principais vias de circulação da época. Os Estaus se tivessem sido concluídos contariam com um total de 38 arcos, sendo que 16 ladeavam a Rua dos Arcos, e teria 3 outros de cada lado do edifício, no topo nascente da rua.

Não existem indícios nem documentais nem físicos que nos levem a crer que os edifícios fossem para além da atual Travessa dos Arcos.

Após tudo o que foi dito pensa-se que os Estaus foram projetados para serem dois assentos separados pela Rua de Christus, atual Rua dos Arcos, e eram constituídos por dois pisos com arcarias voltadas umas para as outras. Não existe qualquer informação que nos leve a crer que as arcarias, ambos os assentos dessem para a Rua da Saboaria ou para a Av. Dr. Cândido Madureira. Julga-se que o lado sul era o lado em que o edifício estaria mais completo, tanto perante a informação analisada como através dos vestígios ainda hoje existentes.

Notas

1 - Mestre que traçou o Claustro do Cemitério, obra também Henriquina e com uma construção semelhante ao claustro da Lavagem e por sua vez aos Estaus.

Referências Bibliográficas

Dinis, A. J. D., (1974). *Monumenta Henricina, Volume XV (1469-1620)*, Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

França, J. A., (1994). *Cidades e Vilas de Portugal, Tomar «Thomar Revisited»*, 1ª Edição, Lisboa: Editorial Presença.

Figueiredo e Silva, E. S., (1960). *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Volume IV, Tomar: Publicação subsidiada pelo Instituto - Para A Alta Cultura*.

Mota Lima, J. P. F., (1960). *Comemorações Centenárias de Tomar – VIII Centenário da Cidade de Tomar V Centenário da Morte do Infante D. Henrique*. In: www.monumentos.pt

Pinto, R. S., (coord.) (2004). *Tomar: Na Terra dos Templários, Paços de Ferreira: Héstia Editores*.

Rosa, A., (1965). *História de Tomar, Volume II, Tomar: Gabinete dos Estudos Tomarense*.

Rossi, A., Monteiro, J. C., (Tradução) (2001). *A Arquitectura da Cidade, 2ª Edição, Lisboa: Edições Cosmos*.



Figura 1. Vista aérea de rio e cidade Tomar, [anos 40-50 do séc. XX] s/d - Colecção Antiga do Município Prova em papel de revelação baritado, 16x22 cm Arquivo Fotográfico Silva Magalhães.



Figura 2. Conjunto dos Estaus. Métrica Arquitectónica e Urbana. Fotografia aérea, Serviços Cartográficos do Exército.



Figura 3. O que resta do trecho dos Estaus actualmente.



Figura 4. Estudo da Reconstituição Hipotética do conjunto dos Estaus, 1960. De João Pedro de Figueiredo Mota Lima, arquitecto. (Figueiredo e Silva, 1960).



Figura 5. Siglas dos Arcos isolados existentes. Sigla do piso inferior do Claustro da Lavagem no Convento de Cristo.